

A Pesquisa Militante na América Latina: trajetória, caminhos e possibilidades

The militant research in Latin America: trajectory, paths and possibilities

Jonathan Jaumont

Assistente social, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestrando em Serviço Social na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e militante das Brigadas Populares. Contato: jojaumont@gmail.com.

Renata Versiani Scott Varella

Doutoranda em Sociologia no Instituto Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). Mestra em Sociologia pelo mesmo Instituto. Bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Advogada Popular do Coletivo Margarida Alves de Assessoria Popular e militante das Brigadas Populares. Contato: renatavsv@yahoo.com.br.

Artigo recebido e aceito em março de 2016.

Resumo

Este artigo debate uma perspectiva crítica e militante na produção de conhecimentos. Para tanto, começa pela trajetória do pensamento crítico latino-americano para uma necessária contextualização da Pesquisa Militante. Trata de sistematizar elementos convergentes de diversas experiências do campo que conformam uma concepção teórico-metodológica e apresenta alguns métodos e técnicas assentadas nesta perspectiva.

Palavras-chave: Pesquisa Militante; Pensamento Crítico; América Latina.

Abstract

This paper wants to put to debate a critical and militant perspective for knowledge production. It begins with the critical thought latin-american trajectory for a militant research contextualization. Than, sistematize several experiences convergent elements that conform a teorical and metodological conception and presents some metods and tecnic based on this perspective.

Keywords: Militant Research; Critical Thought; Latin America.

1. Introdução¹

A Pesquisa Militante, na América Latina, não é, obviamente, uma invenção dos autores que aqui escrevem. É, pelo contrário, um acúmulo prático-teórico ao longo da história, para o qual contribuíram pensadoras, pensadores, militantes, pesquisadores, intelectuais, movimentos sociais, organizações políticas e coletividades, com suas reflexões, sonhos, ações e vida. Representa, portanto, um patrimônio dos povos latino-americanos em luta por dignidade em suas diversas dimensões.

Este artigo é, por isso, antes de tudo, uma contribuição no esforço de reconstrução de um legado popular que se tentou, violentamente, invisibilizar da trajetória científica de nosso continente. Felizmente, a transmissão e a permanente reinvenção dos conhecimentos, aprendizados e experiências do pensamento crítico e militante continuaram acontecendo na história, mesmo que em muitos momentos de maneira submersa e imperceptível a muitos olhares. O que estamos presenciando, hoje, é uma retomada, decidida, da Pesquisa Militante pelos mais diversos sujeitos, inclusive, dentro das universidades latino-americanas.

A produção de conhecimentos e o desenvolvimento científico não estão dissociados dos acontecimentos societários, mas, pelo contrário, são partes constituintes dos mesmos. Se, hoje, nos parece que há cada vez mais pesquisadoras e pesquisadores militantes na América Latina, é preciso reconhecer, paradoxalmente, o papel do ascenso de governos progressistas e populares na região² e, ao mesmo tempo, o lugar dos limites dos projetos implementados por estes para a conformação de um cenário profícuo para a Pesquisa Militante.

¹ Agradecemos a Maria Dalma Versiani, cujos cuidados foram essenciais para a existência do presente artigo, a Mirella Rocha, pela revisão do presente trabalho, e a Breno Bringel, pela permanente parceria e diálogo.

² Entendemos por governos progressistas, experiências distintas como a chegada no executivo federal de Luiz Inácio Lula da Silva, a partir de 2002, e sua continuidade, no Brasil, com a presidenta Dilma Rousseff e dos governos de Nestor e Cristina Kirchner, a partir de 2003, na Argentina. Por governos populares, incluímos iniciativas que se diferenciam dos primeiros por suas bases e seus projetos como as eleições de Hugo Chávez e Nicolás Maduro para presidência desde 1998 e de Evo Morales, na Bolívia, desde 2006.

O ascenso, por um lado, contribuiu para a fragilização de uma hegemonia neoliberal, completamente, avessa à crítica e, vigorosamente, destrutiva de iniciativas e experiências militantes no âmbito da produção de conhecimentos. Por outro lado, os limites de projetos neo-desenvolvimentistas ou de formas de capitalismo dependente com avanços sociais – que, na prática, não produziram transformações sociais efetivas e esperadas pelos setores populares e organizados – impulsionam a radicalização de um campo que está enfrentando a tarefa de recompor um projeto popular, inclusive, desde a esfera da produção de conhecimentos. Neste sentido, as jornadas de junho de 2013 nos parecem um momento emblemático, no Brasil, no qual estes limites se explicitam, mas, principalmente, em que se forjam novas potencialidades pela ação e reflexão coletiva dos sujeitos sociais.

A produção de saberes é, também, uma trincheira com projetos antagônicos em disputa. Isso porque o conhecimento científico é uma construção social, historicamente localizada. Como dimensão da vida social e humana é, necessariamente, contingente, isto é, temporal e espacialmente situado e vincula-se a relações sociopolíticas e estruturas econômicas determinadas, ligadas, por sua vez, a concepções de mundo específicas. É desde este entendimento que se invalida aquela universalidade que, aparentemente, permeia o discurso científico e descobre-se que toda ou todo teórico ou cientista social está perpassado e reproduz interesses sociais e políticos, consciente ou inconscientemente. A ou o pesquisador que toma consciência da ligação entre o conhecimento e as contradições sociais passa a questionar para que pesquisar, para quem produzir conhecimento e como se constrói ciência³.

A partir de uma postura crítica dos sujeitos, é possível construir conhecimentos que não representem instrumentos para melhor dominar e explorar ou que não signifiquem a perpetuação de uma realidade, profundamente, desigual e

³ Nas palavras do sociólogo colombiano Orlando Fals Borda, “[...] la ciencia no posee valor absoluto, como si fuera un fetiche, con vida propia, sino que es un conocimiento válido útil para determinados fines y que funciona con verdades relativas. Toda ciencia, como producto cultural, busca un propósito humano determinado y, por lo mismo, lleva implícitos los rasgos valorativos de las clases a los cuales pertenecen los científicos” (FALS BORDA, 2012: 394-395).

injusta. Assim, a ciência pode ser um meio através do qual se alcance importantes contribuições no processo de transformação social. É isto que nos mostra a trajetória do pensamento crítico e da Pesquisa Militante.

As experiências, das quais participamos e com as quais compartilhamos informações, nos trazem a sólida convicção de que essa perspectiva não somente é possível, mas é necessária e urgente no cenário atual. Conhecer a realidade é uma exigência para transformá-la e os setores populares e suas organizações, se pretendem caminhar para uma sociedade mais justa e igualitária, precisarão conformar um pensamento crítico potente, uma práxis transformadora e um arcabouço teórico-metodológico adequado para viabilizar a socialização deste processo para amplas camadas das sociedades latino-americanas. As e os pesquisadores possuem um papel importante neste caminho ao, superando o mito da neutralidade da ciência moderna, se comprometer na construção desta valiosíssima contribuição.

Este artigo se inscreve neste esforço coletivo que já vem sendo construído atualmente por inúmeras experiências e representa também um convite para participar e contribuir nesta jornada. Para tanto, começamos, em uma primeira parte, com uma breve contextualização histórica do pensamento crítico na América Latina. Pareceu-nos fundamental para localizar as iniciativas da Pesquisa Militante numa rica e poderosa trajetória ao longo da história de nosso continente. Em um segundo momento, traçamos, com base em experiências emblemáticas na América Latina, os elementos fundamentais da Pesquisa Militante que representam, na realidade, trajetórias convergentes que foram sendo observadas nas diferentes iniciativas históricas. Com isso, tentamos conformar o campo da Pesquisa Militante em um esforço de sistematização e de articulação teórica destas experiências.

Pela complexidade do tema e riqueza das experiências históricas e em curso, o presente texto não se pretende exaustivo e possui, ainda, lacunas importantes que dependem de um esforço, necessariamente, coletivo para serem preenchidas. Esperamos, apenas, estimular o debate e articulação em torno deste campo,

demonstrando as potencialidades da construção de um saber transformador e, dessa forma, contribuir para a superação de uma sociedade baseada em diferentes formas de opressão e exploração.

2. Ciência, Dependência e Pensamento Crítico

A ciência é um modo de apropriação humano, sistemático e organizado da realidade. Está, intimamente, ligado com a premente e contínua necessidade humana de estender e aprofundar sua dominação sobre e/ou sua sinergia com a natureza para sua sobrevivência e reprodução. O caráter social do comportamento humano tem, portanto, o mesmo fundamento objetivo da produção de conhecimentos, tendo ambos no trabalho seu impulso e mediação central. Neste sentido, são germes da prática científica, os mais elementares avanços da humanidade, baseados no entendimento de seu entorno. Para Álvaro Vieira Pinto:

[...] A ciência é a forma de resposta adaptativa de que somente o homem se revela capaz por ser o animal que vence as resistências do meio mediante o conhecimento dos fenômenos, ou seja, mediante a produção de sua existência a individual e a da espécie. Adapta-se ao mundo porque o adapta a si, ao descobrir as razões lógicas das coisas e dos acontecimentos, e ao modificá-las de tal maneira que sirvam ao propósito de assegurar sua subsistência. (VIEIRA PINTO, 1979: 89)

A ciência é, neste sentido, esta forma de produção de conhecimento que passa pela apreensão da propriedade e legalidade do movimento da realidade e pode estar presente, com isso, em diversas formas do saber humano. A distinção do que é ciência do que não é nas sociedades modernas, baseada em imposições acerca do “rigor científico”, é um processo ligado, como veremos, a necessidades históricas particulares de dominação de algumas classes sociais sobre outras, mas não determina, em absoluto, os limites concretos da ciência.

Serão precisos milênios para que àqueles rudimentos encontrem as possibilidades materiais e espirituais para sua explicitação em formas mais sistematizada de produção de conhecimentos. Não faltam exemplos de sociedades baseadas na propriedade coletiva em que o conhecimento científico foi um potente instrumento de bem-estar e bem-viver. A agricultura e a organização da força de trabalho inca, antes da invasão colonial, são casos emblemáticos de socialização dignificante do saber disponível (BAGÚ, 1992: 13-30).

Por outro lado, em sociedades, estruturalmente, desiguais, como a grega, por exemplo, a ciência imbuu-se de uma dimensão de dominação, determinada pela necessidade de perpetuação dos privilégios das camadas proprietárias. Este processo – é preciso assinalá-lo para compreendê-lo em sua complexidade social contraditória – assentou-se na divisão destas sociedades em classes sociais e, com isso, no privilégio de setores que puderam se distanciar do trabalho manual para se concentrar em trabalhos, propriamente, intelectuais e, por vezes, científicos.

Os traços fundamentais disto que se convencionou chamar de ciência moderna têm suas raízes no processo de ascensão da burguesia, na Europa ocidental a partir do século XIII. O impulso elementar para conformação da referida ciência provém, em suma, da capacidade material que a instrumentalização de ramos científicos emprestou ao complexo comercial, industrial, financeiro e militar burguês. É exemplar o papel da física e da química para o desenvolvimento e a consolidação do complexo industrial inglês do século XVIII.

Mas, para além da instrumentalização das ciências exatas, a expansão mundial da burguesia comercial, desde o século XIV, criou formas particulares de explicar e justificar a nova realidade burguesa colonial decorrente⁴. Esta nova realidade que estruturou as bases para o capitalismo industrial e a modernidade burguesa, na Europa, é o colonialismo, que significou a extração de gigantescos excedentes das colônias americanas, mas também africanas e asiáticas, e permitiu a acumulação primitiva para a revolução industrial inglesa. Como coloca Agustin Cueva,

⁴ Sobre o caráter capitalista da economia colonial, ver Sergio Bagú (1992).

para a América Latina este foi, na realidade, um processo de desacumulação primitiva (CUEVA, 1983:25-26). Foi necessário justificar esta realidade atroz, baseada em saqueios, genocídios e escravidão. Durante o período colonial, a marcante e inicial hegemonia da escolástica barroca corresponde a este momento e afirmava, desde a tradição greco-romana e cristã, a justiça e o direito da conquista e colonização espanhola e portuguesa frente aos povos colonizados.

Neste movimento, o pensamento europeu, em articulação orgânica com a expansão mundial capitalista, se conforma em um instrumento de dominação universalizável para as classes dominantes capitalistas e coloniais da Europa ocidental ávidas pela subjugação dos povos de além-mar. As primeiras universidades latino-americanas, por exemplo, surgem, neste contexto, para reforçar a hegemonia cultural, política e social colonial frente ao altíssimo nível cultural asteca e inca existente. Sem este dado, não se compreende o surgimento, já em 1551, logo após a invasão, das Universidades Nacionais de São Marcos (Peru) e Autônoma do México.

Sem dúvidas, era necessário construir, rapidamente, sólido aparato cultural e ideológico frente às culturas originárias. O pensamento originário, aliás, é uma das heranças menos compreendidas e mais preciosas existentes em nosso continente. Intimamente ligado à vivência coletivista e à experiência solidária dos tempos pré-colombianos, produziu uma complexa e riquíssima cosmovisão que orientou impérios em construções econômico-sociais capazes de construir condições dignas de vida para vastos contingentes populacionais (BAGÚ, 1992).

A violência que significou a conquista e o capitalismo colonial para estes povos impulsionou intensas resistências, desde o primeiro momento desta empreitada até os dias atuais⁵. É preciso, nestes termos, encarar a conformação das sociedades coloniais como um processo profundamente conflituoso em que

⁵ Os povos originários e suas organizações fomentaram rebeliões de diferentes portes e foram centrais, por exemplo, para acontecimentos como a Revolução Mexicana de 1910, a Revolução Boliviana de 1952 e as constituições contemporâneas dos Estados Plurinacionais boliviano e equatorinano. Essa matriz produziu e continua produzindo um pensamento vigoroso, sendo importante ressaltar que ela esteve presente, em articulação com outras matrizes político-ideológicas, na conformação do pensamento e da prática de importantes autoras e autores, tais como: Clorinda Matto de Turner (1994) e José Carlos Mariátegui (2011).

estiveram em disputa modos de vida opostos – coletivistas, de um lado, e capitalistas, de outro – e suas respectivas cosmovisões (RIBEIRO, 1977). Neste sentido, é que a matriz originária deve ser registrada e reivindicada como matriz de resistência central do pensamento social latino-americano⁶.

A ciência européia, na América Latina, chega, assim, ideologicamente posicionada para legitimar a colonização e teoricamente orientada pelo colonizador, na tentativa de justificar a superioridade desta forma de produção de conhecimentos frente aos saberes ancestrais e populares tradicionais existentes. Inicia-se um processo de invisibilização destes saberes, conectando-os ao mundo do irracionalismo e, mais tarde, ao folclore.

O desenvolvimento posterior do pensamento na América Latina não é, no entanto, mera reprodução automática das idéias européias. Desenrola-se, a partir deste primeiro momento, um largo impulso do pensamento latino-americano que, mesmo marcado por uma forte tendência à importação de idéias alheias, centralmente, européias, carrega a marca de uma realidade própria e de desafios particulares das sociedades coloniais latino-americanas (ZEA, s/d: 25).

Assim é que, no bojo do pensamento escolástico, do século XVI, surgiu, também, um importante trabalho historiográfico crítico. Partiu de Bartolomé de las Casas, um frei dominicano espanhol, a iniciativa de acompanhar e registrar, cuidadosamente, o massacre da conquista e o início da empreitada colonial (DE LAS CASAS, 1956). Suas duras críticas, inclusive, à desumanização dos povos originários chegaram à metrópole e constrangeu, em uma viva polêmica eclesiástica em solo espanhol, a Igreja a tomar posição, ao menos formal, contra a dizimação e escravização indígena no continente americano. Mesmo conhecendo os limites históricos desta corajosa postura, parece importante salientar que até matrizes de pensamento tão conservadoras, como a escolástica, não passaram ilesas à realidade e

⁶ Para a necessária retomada desta matriz, vale iniciar pelo esforço de sistematização do pensamento originário da Biblioteca Ayacucho. Suas obras são gratuitas e estão disponíveis na internet no site da Biblioteca, como exemplos: a recuperação da literatura Guarani do Paraguai (BAREIRO, 1980), da literatura Maya (GARZA, 1992), da literatura Quechua (AYBAR, 1993) e da literatura do México antigo (LEÓN-PROTILLA, 1978).

à crítica em terras latino-americanas. Localizar estes esforços divergentes é necessário, sob pena de se considerar tais matrizes como compartimentos estanques ou corpos teóricos monolíticos imunes à contradição própria da dinâmica social humana.

Imediatamente posterior e ainda em épocas coloniais, o romantismo superou a escolástica a partir das influências iluministas, já no século XVII, e contribuiu, inclusive, para a construção do pensamento independentista latino-americano⁷. De fato, a separação entre religião e ciência e o impulso para o estudo científico desde a experiência e a observação da realidade aproximaram um setor intelectualizado das sociedades coloniais das particularidades continentais. Em contato com a realidade local, multiplicaram-se questionamentos, neste setor da elite local, acerca da subjugação latino-americana às metrópoles européias e ao papel dos *criollos* e nativos na construção das sociedades.

Esta postura elementar incentivou a construção de projetos de libertação que superaram, na prática, o programa iluminista original europeu. As camadas populares e suas formas de resistências foram se somando ao processo de libertação e pressionaram para que sua incorporação se desse em condições de dignidade. A Revolução Haitiana (1804) e seus jacobinos negros (JAMES, 2010), por exemplo, concretizaram o que a Revolução Francesa foi incapaz de – ou não pretendia – fazer: estendeu a igualdade às colônias e, principalmente, aos escravos, expropriando as terras do latifundiário colonizador para entregá-las aos escravos libertados. No dia da Proclamação da Independência Haítiana, Jean Jacques Dessalines, um dos libertadores, em discurso, assevera: *“Hemos osado ser libres, osemos serlo por nosotros mismos y para nosotros; imitemos al niño que crece: su próprio peso rompe los andadores que se tornan inutiles y traban su marcha.”* (DESSALINES *apud* ROMERO, ROMERO, 1975:84).

⁷ Sobre o pensamento político do processo de libertação, a Biblioteca Ayacucho, em seus números 23 e 24, nos brinda com a sistematização de José Luís Romero e Luís Alberto Romero sobre o tema (1975) e (1977).

É sobre esse exemplo histórico, de transcendência mundial, que se darão, também desde suas formulações e atos originais, os processos de libertação latino-americanos. Esse acontecimento ilustra a potência da matriz de resistência negra que, ao longo da história latino americana, produziu experiências alternativas centrais como os quilombos, os *pallenques*, além de construir importantes rebeliões que geraram possibilidades de transformação social. Esta matriz gestou e segue gestando, em conexão com outras matrizes, um pensamento crítico vigoroso⁸.

Isto posto, os processos de libertação encontraram resistência e sabotagem ferrenha desde as próprias elites aristocráticas latino-americanas ligadas ao legado colonial. De fato, o poder desta herança aliado aos interesses estrangeiros centrais para a manutenção da subordinação das novas nações latino-americanas aos marcos da nascente divisão internacional do trabalho derrotou o generoso projeto da Pátria Grande bolivariana (BOLIVAR, 2015). Este fracasso foi, aliás, no século XIX, imediatamente, atribuído, pelos próprios românticos desiludidos, à realidade continental, ao peso de sua herança colonial escravista e a todos estes traços societários que, por demasiado problemáticos e complexos, impediam um destino de liberdade na América Latina.

Assim, as independências do século XIX, na América Latina, emanciparam, formal e politicamente, as novas nações do continente em relação às antigas metrópoles coloniais que, imediatamente, se inseriram na nascente divisão internacional do trabalho que reatualizando seu papel subordinado – agora como periferia dependente – em relação às economias centrais do sistema capitalista, notadamente a Inglaterra (MARINI, 2005).

Renovam-se as teorias para a explicação e justificação desta nova fase de dominação imperialista. As burguesias, na Europa ocidental, finalizaram, definitivamente, suas revoluções e encontravam-se, devidamente, acomodadas na posição de classes dominantes. Abandonam, com isso, aquele impulso progressista

⁸ Alguns autores de referência desta matriz são Frantz Fanon (1979), Aimé Césaire (2010), Abdias Nascimento (1980), entre tantos outros.

que emprestavam às teorias sociais, em geral, na luta contra as antigas classes dominantes feudais para constituírem teorias de legitimação de sua ordem, mais adequadas à nova situação societária burguesa a partir da segunda metade do século XIX. É neste contexto que surge o positivismo e que o liberalismo alcança seu auge nos países centrais (MARINI, 1994: 19).

O positivismo de Augusto Comte (COMTE, 1978) proclama, então, a imutabilidade da ordem social vigente, naturalizando-a, e trata de caracterizá-la como o estatuto autêntico da sociabilidade humana. A sociedade passa, assim, por organismo *normal* contra o qual toda ação divergente deve ser encarada como desvio *patológico*. Estas noções, com a contribuição de Durkheim (1978; 2004), ganham um caráter evolucionista e culminam, com aportes darwinistas como a seleção natural aplicada ao âmbito societário, na conformação de uma sólida justificativa da existência e dominação de certos países em relação a outros dentro da ordem mundial capitalista (MARINI, 1994:19)

Além disso, a objetividade da realidade social, para esta corrente, é extremada ao ponto dos indivíduos e coletividades que a compõem não exercerem qualquer influência sobre a mesma, sendo, apenas, conformados a seus limites e características. Neste sentido, a sociedade é um ente independente e externo aos seres humanos a qual exerce, desde fora, seu poder coercitivo sobre as consciências. Da cisão entre homens e sociedade decorre, no plano do trabalho científico, a separação entre o sujeito da pesquisa e o objeto de estudo. Para o positivismo, seria, portanto, possível o distanciamento completo da ou do pesquisador(a) de seu objeto de pesquisa, já que sociedade e indivíduo são componentes distintos, separáveis e estanques em sua relação mútua. Esta separação entre observador e observado é que determina, nesta perspectiva, a objetividade da produção de conhecimento. Os atributos ideais da ou do pesquisador(a) positivista seriam a isenção subjetiva e a neutralidade objetiva, afastando juízos valorativos e posicionamentos políticos da esfera do conhecimento.

A influência positivista, na América Latina, generaliza-se neste momento de constituição das nações latino-americanas e inunda os mais diversos âmbitos da vida social latino-americana, conformando, intimamente articulada ao liberalismo, a doutrina oficial dos Estados e das elites latino-americanas. É com base nesta perspectiva que se justifica a “naturalidade” da divisão internacional do trabalho e se proclama a vocação agrária latino-americana como destino histórico, por exemplo.

Desde meados do século XIX até o início do século XX, a explicação hegemônica para a distância entre as sociedades latino-americanas e as européias assentava-se, fundamentalmente, na questão racial. Como descreve Marini (1994):

Faltaba, entonces, la justificación de por qué nuestras sociedades, nuestros Estados, nuestra cultura diferían tanto de sus congeneres europeos. Independientemente de la penetración entre nosotros del idealismo, el positivismo, el darwinismo social y el mismo socialismo, los ideólogos de nuestras clases dominantes acabaron por inclinarse hacia el único factor que, de verdad, parecía explicar esas diferencias: la raza. [...]

En fin, la ignorancia, el retraso, la barbarie eran a los ojos de la oligarquía, los atributos del pueblo. [...] la gran mayoría veía a esa distancia social como un eco sin posibilidad de superación, dado el pecado original propio del pueblo: su raza. (MARINI, 1994: 28-29)

Neste momento, o pensamento social latino-americano, em que pese seu olhar sobre os temas e questões próprias do continente, ainda se referencia, centralmente, na sociedade européia e assume, acriticamente, como caminho necessário, a história daquele continente. É a partir destes pressupostos eurocêntricos que se difundiram, legitimaram e consolidaram as concepções de mundo capitalistas e ocidentais em nossa região. Por outro lado, alguns teóricos trilham uma interpretação crítica e alcançam olhares e reflexões sobre a América Latina, valorizando suas particularidades e complexidade histórica e vislumbrando a construção de um futuro comum desde estas potencialidades, inclusive étnicas e

raciais⁹. É nesta trilha, embebido das matrizes de resistência – matrizes como a originária, a negra e a independentista – e alimentado pelas lutas sociais que se forja e consolida o pensamento crítico latino-americano.

As profundas transformações pelas quais passaram o capitalismo mundial¹⁰, no início do século XX, impactaram, profundamente, as sociedades latino-americanas. Neste novo cenário, abriram-se possibilidades para intentos de industrialização de certas economias latino-americanas, o que, no plano político, levou à construção de projetos nacionalistas e pactos de classe menos excludentes. Este momento marca o início de mudanças nas sociedades latino-americanas ligadas à urbanização das mesmas, à proletarização de amplos setores sociais, ao crescimento de uma classe média urbana, o que gera novos sujeitos sociais, antagonismos e possibilidades de organização. A articulação deste quadro social com a conformação de projetos nacionalistas, que previam a incorporação das classes trabalhadoras neste horizonte dignificante da nação, gerou enfrentamentos às diretrizes imperialistas para o continente e ocasionou um debate acerca dos rumos societários dos países latino-americanos.

Esta conjuntura chega ao espaço universitário – instituição, historicamente, alheia ao pensamento progressista – conformando um vigoroso movimento estudantil pela Reforma Universitária. Inicia-se com os históricos acontecimentos da Reforma de Córdoba, na Argentina em 1918, e inaugura um movimento de amplitude continental por uma universidade à altura das inquietações de seu tempo. Encontram-se ao longo de mais de uma década (1918-1930) grandes debates e movimentações de estudantes por todo o continente, impulsionando, inclusive, a proposta de construção de universidades populares ligadas aos movimentos sociais,

⁹ Ver, por exemplo, os escritos de José Martí deste período. Sua obra completa está disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/marti/marti.html>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

¹⁰ Estas transformações dizem respeito à passagem do capitalismo concorrencial para sua fase monopólica e imperialista, o que gerou enormes tensões inter-capitalistas. Esse processo desencadeou, por um lado, a primeira guerra mundial (1914-1918); por outro lado, contribuiu para a Revolução Russa (1917); e, por fim, para uma grave crise econômica mundial (1929).

operários e populares e um amplo debate sobre a necessidade da extensão como momento fundamental da vida universitária¹¹.

Esse processo, aliado a lutas e resistências locais e nacionais, alimenta um amplo setor do pensamento crítico do pensamento social latino-americano e impacta, inclusive, a recepção do marxismo em nosso continente, aproximando-o de nossas matrizes de resistência e impulsionando interpretações originais assentadas na reconstrução crítica da história continental. É, neste bojo, que surgem propostas como a do socialismo indo-americano do peruano José Carlos Mariátegui (2011), ou os emblemáticos trabalhos historiográficos de Ramiro Guerra (1935), Sergio Bagú (1992), Eric Williams (1975), entre tantos outros.

As décadas de 1950 e 1960 foram marcadas por um intenso debate gerado pela pulsante industrialização do período. Por um lado, os Estados latino-americanos e setores sociais importantes adotaram uma perspectiva nacionalista burguesa ou desenvolvimentista, que tinha, nas sociedades industrializadas centrais, um horizonte a ser alcançado. Entendia-se que o caminho para o desenvolvimento era um *continuum* e uma possibilidade aberta a todos os países. Neste percurso, os países da América Latina se encontravam atrasados em relação àquelas economias avançadas e que o motor de aceleração para a ascensão desenvolvimentista era, justamente, a industrialização e o ator protagonista da mesma a burguesia nacional.

A outra corrente foi fruto da crítica do desenvolvimentismo e das lutas sociais gestadas nos limites daquele projeto e que, superando o mito do “continuum do desenvolvimento”, explicitava a existência de dois pólos antagônicos e complementares no sistema mundial: imperialismo e dependência. Éramos economias dependentes para gerar riqueza imperialista e isto tinha rebatimentos profundos sobre o modo de produção e a formação econômico-social latino-americano que estavam conformados, estruturalmente, para reproduzir a

¹¹ A este respeito, a compilação de Dardo Cúneo (1974) dos manifestos e textos fundamentais do movimento pela Reforma Universitária, entre 1918 e 1930, na América Latina é uma primeira aproximação fantástica pela possibilidade do acesso aos originais e pela amplitude do movimento que surgiu em Córdoba. A compilação está disponível no site da Biblioteca Ayacucho.

dependência. O desenvolvimento nas sociedades dependentes, nesta perspectiva, só poderia gerar mais dependência e, portanto, a superação da mesma estava ligada à luta anti-imperialista, mas, também, na derrota de nossas burguesias, profunda e definitivamente, associadas ao imperialismo neste esquema de reprodução do capital. É, assim, que surge um nacionalismo revolucionário na região e vai se conformando uma importante matriz de resistência anti-imperialista que irá influenciar fortemente o pensamento crítico.

O acúmulo teórico, político e social deste período produziu uma geração que, intimamente, vinculada a uma práxis comprometida no interior das sociedades em que integrava, contribuiu na rearticulação de um movimento revolucionário latino-americano cujo auge se expressou na Revolução Cubana (1959). Esta grande ebulição encontra a institucionalização das ciências sociais, a partir da década de 1950, e aproxima as mesmas de um marxismo amadurecido neste processo, radicalizando um setor importante da intelectualidade latino-americana. Frente às comoções sociais do período, não são poucos intelectuais de origem positivista que assumem posturas críticas e se vinculam aos movimentos populares de seus países. São exemplos emblemáticos deste processo figuras da transcendência de Orlando Fals Borda ou Florestan Fernandes¹².

Diante da radicalização crescente de amplos setores políticos e sociais das sociedades latino-americanas, as classes dominantes do continente com apoio técnico e militar estadunidense desencadeiam ditaduras civis e militares, em diversos países. Além de conter os processos de avanços, esses regimes vão assegurar um novo ajuste no papel das economias dependentes no cenário mundial, o qual só foi implantado por meio da violência institucional, do terrorismo de estado e da supressão das liberdades civis e políticas.

¹² Para uma contextualização totalizante e uma incisiva análise por um dos protagonistas deste fértil e conturbado período do pensamento social latino-americano, consultar Pablo Gonzalez Casanova: *La nouvelle sociologie et la crise de l'Amérique* (1967).

As ditaduras, na América Latina, cumpriram um papel cultural nefasto. A perseguição sistemática, os assassinatos e as expulsões do território de setores sociais e políticos organizados dizimam parte da intelectualidade crítica, como vimos, intimamente ligada a organizações e movimentos políticos nacionais. É assim que, contraditoriamente, se forma uma larga rede de solidariedade latino-americana e uma inédita interlocução desta intelectualidade neste momento. A confluência de um contingente importante destes intelectuais para o México, por exemplo, vai render contribuições valiosas para a teoria crítica latino-americana.

É certo que o pensamento crítico latino-americano, desde sua gênese até meados do século XX, esteve bastante conectado com as lutas sociais, isto é, possuía um marcado caráter militante. No entanto, alguns processos sociais contribuíram para deixar as reflexões teóricas críticas cada vez mais distantes das práticas políticas dos movimentos sociais e das organizações políticas, tais como (1) a progressiva institucionalização das ciências humanas e sociais, com a posterior criação das pós-graduações, (2) os anos de repressão civil-militar que varreram todo o continente, (3) a implementação de uma política neoliberal¹³ na maioria dos países da América Latina a partir da década de 1990, (4) a crescente tecnificação e controle das atividades de ensino, pesquisa e extensão, que vem se observando a partir da década de 1990, exigindo dos profissionais e estudantes o cumprimento de metas e prazos que dificultam atividades de longo prazo em parceria com movimentos sociais e organizações políticas. O afastamento entre a teoria crítica e as lutas sociais concretas

¹³ Em linhas gerais, o neoliberalismo corresponde a adoção pelos Estados latino-americanos que passou a empreender medidas de acelerada abertura econômica, desregulamentação dos mercados, minimização estatal, incluindo diminuição dos gastos sociais, bem como flexibilização de direitos, privatizações e um amplo projeto de reformas institucionais. Isto acarretou, em todos os países, uma flexibilização dos direitos trabalhistas, uma quebra de seus instrumentos de luta e uma piora geral nas condições de vida da população. Ressalte-se que, com o neoliberalismo, grandes incentivos foram direcionados à financeirização e à internacionalização da economia, o que foi acompanhado pela desestruturação progressiva da indústria e pelo aumento do desemprego e da dívida pública. Esse processo acentuou a dependência dos países em relação aos países do centro do capitalismo mundial, que se valeram dos instrumentos das agências multilaterais (Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial) para impor formas de estruturação política e institucional que facilitassem a livre exploração dos recursos e dos trabalhadores brasileiros.

é, com certeza, uma das piores heranças das últimas décadas do século XX, dificultando a construção de caminhos próprios para a transformação do sistema social e econômico imperante.

Apesar disso e enfrentando maiores dificuldades de articulação e difusão, em conjuntura severa e desfavorável, o pensamento crítico continuou sendo construído, recuperado e reinventado. Esse caminho representou percursos reflexivos importantes, conectado a múltiplas experiências locais que, mesmo fragmentadas, foram capazes de seguir alimentando horizontes de uma ciência subversiva a serviço dos povos explorados.

3. Construindo a Pesquisa Militante: encontros convergentes e caminhos potentes

Neste caminho criativo de construção de um pensamento crítico latino-americano, no esforço de superação do eurocentrismo e dos limites da ciência moderna, na ânsia de contribuir, de maneira mais ativa e efetiva, para os processos de transformação social, é que se inscreve a Pesquisa Militante. Representa, assim, um *continuum* em relação ao pensamento crítico, contudo enfatiza, com avanços teórico-metodológicos, o imbricamento efetivo entre a teoria crítica e ações e articulações efetivas no campo das lutas sociais.

Nesse sentido, o sociólogo colombiano Fals Borda destaca, já em 1967, a necessidade de o intelectual ir além do falar, escrever e pensar criticamente, demarcando que, na Colômbia, essa forma de contribuir com a transformação não produziu quase nenhum efeito para o combate ao sistema econômico e social. Pelo contrário, *“el dejar discutir ideas y publicar artículos y libros (no importa cuán extremistas sean) puede ser benéfico para el sistema, ya que permite a sus defensores destacar la “amplitud” del debate y lo “democrático” de sus instituciones”* (FALS BORDA, 1987: 73). Ressalta, assim, o desafio de as e os pesquisadores serem participantes ativos na mudança social.

Atento a esta problemática, o sociólogo Ruy Mauro Marini, em entrevista efetivada em 1973, expõe que as forças sociais universitárias comprometidas com a mudança não apenas devem criticar o sistema capitalista, mas, ao mesmo tempo, devem contribuir, de maneira ativa, para propiciar ações políticas revolucionárias. Cita um exemplo da Federação de Estudantes da *Universidad de Concepcion*, no Chile, onde os estudantes, em trabalho de extensão com a população camponesa, não se limitaram em realizar vivências, estudos e críticas à situação do campesinato, mas realizaram um trabalho sistemático de discussão e politização, por meio dos resultados dos trabalhos efetivados. O autor conclui que “*los estudiantes de Concepción pasaron de la Universidad crítica a la Universidad militante*” e enfatiza a necessidade de se construir uma universidade crítica, mas que seja “*un centro que se proyecte hacia la acción política a lado de las masas trabajadora*”. (MARINI, 1973).

Muitas foram as experiências¹⁴, na América Latina, que articularam, de forma potente, as reflexões críticas e as ações transformadoras, criando espaços de sinergia criativa entre pesquisadores, intelectuais, comunidades organizadas, movimentos sociais e organizações políticas, em espaços formais ou não de ensino, de pesquisa e de extensão. Essas experiências contemplam desde movimentos sociais e organizações políticas, produzindo em conexão com seus intelectuais e pesquisadores, importantes documentos de análise e de ação política; projetos de pesquisadores fora da Universidade que, através da inserção nas lutas sociais, atuaram conjuntamente, na produção de conhecimentos e de metodologias, com movimentos sociais e organizações políticas, como a experiência da *La Rosca* na Colômbia; trabalhos de pesquisa coletiva realizados pelas pastorais da Igreja Católica com movimentos populares urbanos e rurais, na década de 1980, no Brasil; coletivos de pesquisa militante que atuam junto a diversos atores coletivos, como o *Situaciones*

¹⁴ Adota-se o conceito de experiência desenvolvido pelo sociólogo Oscar Jara, segundo o qual experiências “son procesos sócio-históricos dinámicos y complejos, individuales y colectivos que son vividas por personas concretas. No son simplemente hechos o acontecimientos puntuales, ni meramente datos. Las experiencias son esencialmente procesos vitales que están en permanente movimiento y combinan un conjunto de dimensiones objetivas y subjetivas de la realidad histórico social” (JARA, 2009: 1).

na Argentina; os esforços de sistematização de experiências para produzir conhecimento a partir das práticas dos atores coletivos e da educação popular, tais como o *ALFORJA* na Costa Rica e a *RED ALFORJA* nos países da América Central; extensões críticas e populares que atuam ao lado de movimentos sociais contribuindo para importantes processos de transformação social, tais como a extensão crítica da *UDELAR* do Uruguai e Pólo de Extensão Popular do IELA em Santa Catarina/Brasil; projetos de educação popular baseados em pedagogias emancipatórias de educadores como Paulo Freire, José Luis Rebellato, Carlos Rodrigues Brandão, que estiveram presentes em todo continente; assessorias técnicas e populares a movimentos sociais que primam pela atuação coletiva e dialógica, em diversas áreas, como exemplos, em São Paulo, Usina e, em Minas Gerais, o Coletivo Margarida Alves; trabalhos de assessoria e parceria com trabalhadores na Economia Solidária, como por exemplo nas fábricas recuperadas na Argentina e no Brasil; espaços variados de sinergia entre intelectuais, pesquisadores e comunidades organizadas, como os construídos pelos zapatistas no México; organizações produzindo, através de uma postura investigativa, formas e práticas de conhecimento, através inclusive de espaços de formação auto-organizados como o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e a Escola Nacional Florestan Fernandes; as universidades indígenas, que articulam, de maneira intrínseca, o conhecer e o fazer e trazem, de maneira sistematizada, o saber ancestral e coletivo, como por exemplo a *Pluriversidad Intercultural Amawtay Wasi*; os trabalhos de cartografia da ação social construídos em parceria com movimentos populares; e dentre tantas outras experiências.

Portanto, o termo pesquisa militante busca designar esse amplo espaço de produção de conhecimento orientado para a ação transformadora que busca aliar a reflexão crítica e teórica com a prática nas lutas populares em um processo multidirecional, articulando intelectuais, pesquisadores, movimentos sociais, comunidades e organizações políticas, com os objetivos de fortalecer o protagonismo popular e de contribuir para a construção de uma sociedade justa e solidária, livre de todas as opressões e dominações. Nos termos BRINGEL e VARELLA, a militância seria:

[...] o compromisso ético e político com a mudança social e que, por isso, envolve posicionamentos e atuações pró-ativas em várias áreas da vida, como a profissional e a acadêmica, envolvendo a inserção em espaços coletivos de discussão, articulação e mobilização com objetivo de viabilizar e potencializar lutas políticas que representem a construção de uma sociedade justa e igualitária. (2014: 5)

De acordo com referidos autores, a pesquisa militante recoloca, em um patamar digno e legítimo, tanto as pesquisas que envolvam a produção de conhecimento e a mudança da realidade social como as militâncias engajadas em questionar os sentidos de como transformar o mundo hoje. Historicamente, são usados diferentes conceitos para designar esse campo convergente – como pesquisa participante, observação militante, pesquisa-ação, *investigación-acción-participativa*, etnografia militante, dentre outros. Contudo, entendemos que o termo pesquisa militante, já usado por vários coletivos e autores, destaca tanto a ligação com a prática e a ação quanto o compromisso com a transformação social e com os setores populares¹⁵.

São, portanto, experiências diversas, com suas particularidades localizadas histórica e geograficamente, mas que apontam para convergências potentes que se aproximam em um mesmo horizonte político e teórico-metodológico. Veremos, a seguir, com isso, elementos que demos centralidade, a partir de experiências emblemáticas, para a construção da Pesquisa Militante, mas que, muitas vezes, não se encontram, explicitamente, combinadas em uma mesma experiência. Sua presença, aliás, é, para algumas experiências, mais uma intuição que uma afirmação categórica. No entanto, estamos convencidos que o encontro destas convergências aponta para um Sul comum, ou seja, para um caminho coerente e cheio de potencialidades para a produção de conhecimentos militante.

¹⁵ Nos termos de Bringel e Varela: “Ressalte-se que houve, no âmbito acadêmico, tentativas recorrentes de deslegitimar o termo “militante”, conectando-o com a existência de uma vinculação acrítica a organizações político-partidárias e a um sistema de pensamento supostamente dogmático” (2014: 6).

A. Imbricamento entre teoria e prática

A relação dialética entre teoria e a prática se dá pela retro-alimentação contínua entre reflexões críticas e ações transformadoras. Assim, a dimensão teórico-reflexiva aumenta a efetividade das ações e a potência das lutas e estas aumentam o entendimento da realidade e contribuem para a elaboração conceitual e teórica. Nesse sentido, é mais que uma articulação entre referidas dimensões, é, na realidade, uma constituição recíproca entre a dimensão do conhecer e a do fazer e transformar, ou seja, são momentos que se constroem de maneira mútua e recíproca, conformando uma unidade em sua diversidade.

Seria, assim, um movimento cíclico e em espiral, a partir do qual o processo de pesquisa se desenvolve de maneira cumulativa. Inspirado nas práticas e ensinamentos de Marx e de Mao Tse Tung¹⁶, o sociólogo Fals Borda explicita esse processo:

[...] hubo de buscarse soluciones teóricas alternas que permitiesen aproximarse mejor a la realidad para entenderla y transformarla. La repuesta más adecuada la ofreció el método dialectico aplicado en pasos alternos y complementarios, así: (1) propiciando un intercambio entre conceptos conocidos o pre-conceptos y los hechos (o sus percepciones con observaciones adecuadas en el medio social); (2) siguiendo con la acción a nivel de base para constatar en la realidad del medio lo que se quería conceptualizar; (3) retornando a reflexionar sobre este conjunto experimental para deducir conceptos más adecuados y obtener mejores luces sobre viejos conceptos; (4) volviendo a comenzar el ciclo de investigación para culminarlo en la acción (FALS BORDA, 1978: 10).

O conhecimento é obtido não somente através da observação e da vivência dos espaços pesquisados, como é o caso da observação participante, mas através da atuação nos mesmos. Em função disso, foi preciso ir além das técnicas de investigação participativas, vez que não necessariamente vinculavam a teoria à ação.

¹⁶ Em outro texto, BRINGEL e VARELLA (2015:15) trabalham a influência do pensamento e da prática de Marx, Mao Tse Tung e Gramsci sobre os fundamentos da pesquisa militante.

De acordo com Fals Borda, assim se adquire informação fiel e multidimensional, a qual é negada em geral a pesquisadores clássicos, sendo que referida informação é usada para alcançar as metas de mudança social das organizações populares (FALS BORDA, 1987: 90-91). É certo que os sujeitos que se encontram inseridos nos processos sociais estudados e estão envolvidos, no nível da ação, com os resultados da pesquisa e com as consequências históricas do referido processo social têm a oportunidade de apreender, com maior veracidade e intensidade, a complexidade das realidades e das temáticas de pesquisa, bem como de compreender os limites e as possibilidades das situações vivenciadas, as quais se encontram em constante mudança.

O educador Paulo Freire, escrevendo sobre a Educação Popular, expõe que a verdadeira reflexão – efetivada através do diálogo crítico e libertador com os grupos populares – conduz necessariamente à prática e este momento de ação deve ser também objeto de reflexão crítica a fim de alimentar novas práticas, tornando-se, assim, uma *praxis* autêntica (FREIRE, 1970: 29-30). Ressalta que o processo de conscientização da situação histórica exige resposta não só no nível intelectual, mas no nível da ação dos envolvidos. Nesse sentido, entende que toda pesquisa temática se faz ação pedagógica e que toda educação autêntica se faz investigação do pensar. De acordo com os pesquisadores do Instituto de Ação Cultural (IDAC)¹⁷, é uma forma de conceber a pesquisa conectada às experiências cotidianas da população oprimida e suas preocupações (OLIVEIRA, OLIVEIRA, 1983: 20).

A necessidade de a ou o teórico se envolver como agente no processo de mudança se denominou como inserção para a experiência da *La Rosca* na Colômbia¹⁸,

¹⁷ O IDAC foi criado em Genebra por Paulo Freire e outras companheiras e companheiros brasileiros de exílio, na década de 1970, com o objetivo de colaborar, em temáticas educacionais, com organizações, movimentos e países que estavam em processo de transformação. Foram realizados trabalhos com diversos países da África.

¹⁸ Nas palavras de Fals Borda, “la Rosca es una iniciativa de sociólogos, antropólogos, economistas e historiadores colombianos que han querido buscar salidas nuevas y más eficaces a las ciencias sociales, que desean tener essa rara oportunidad de poner en práctica las ideas que se exponen en las aulas o en los libros, e involucrarse en la realidad de los procesos sociales de base. Oficialmente, según sus estatutos, la Rosca pretende “realizar trabajos y buscar nuevos métodos de investigación y acción social, destinados a aumentar la eficacia de la lucha por la justicia y la autonomía en Colombia” (FALS BORDA,

dentro do método de estudo-ação. A inserção combina, no campo investigativo, as técnicas usuais de observação, participação, intervenção e análise e vai além para adotar as metas e os valores dos grupos que aspiram a transformar a realidade (BONILLA et al, 1972: 24). Assim, a inserção se realiza dentro de um processo histórico e social de transformação, em vários níveis, especialmente local ou regional, não sendo uma tarefa exclusiva de intelectuais externos que se inserem em grupos populares (FALS BORDA, 1987: 90-92). Contudo, pode envolver a incorporação da ou do pesquisador(a) nos grupos populares e este deve adotar uma postura aberta ao que se vai aprender das novas experiências e ter uma atitude curiosa, ativa e criativa de busca (BONILLA et al, 1972: 19)¹⁹. Ao mesmo tempo em que é uma experiência intelectual de análise, síntese, sistematização e criação, é também a possibilidade de que os conceitos e hipóteses emergentes encontrem sua confirmação ou seu rechaço no contato direto e imediato com a realidade e na utilidade que demonstrem nos processos de construção com os setores populares (BONILLA et al, 1972:48-49).

A ou o pesquisador, além de conhecer o processo, o movimento e a dinâmica dos fenômenos sociais e não situações estáticas e estanques²⁰, tem a oportunidade de refletir coletivamente acerca das concepções teóricas e poderá contribuir na construção de interpretações próprias e de marcos explicativos da realidade. A

1973: 49). A entidade funcionou entre 1970 e 1975 e foi uma experiência ímpar para demonstrar as potencialidades de articular, com os grupos populares, a compreensão histórico-social e a ação política. Em toda Colômbia, foram fundadas *Frentes de Estudio-Acción*, mobilizando camponeses, sindicatos, trabalhadores urbanos e coletivos variados. (PARRA ESCOBAR, 1983: 15-30).

¹⁹ Nesse contexto, os pesquisadores da La Rosca, incluindo Fals Borda, advertem para os riscos da inserção manipuladora (adoção de posturas de superioridade e dogmáticas, reprodução de novas formas de dependência e de colonialismo intelectual, falseamento da realidade social e da disputa de classes colocada) e da inserção agitadora (adoção de uma postura superficial, pouco compromissada com os sujeitos envolvidos e interessada, fundamentalmente, na agitação social e produção de conflitos desnecessários, ao desconsiderar que a inserção e a produção de conhecimentos são um processo) (BONILLA et al, 1972).

²⁰ Os autores Rosiska Darcy de Oliveira e Miguel Darcy de Oliveira, ambos do IDAC, ressaltam que “o pesquisador, como o educador, o líder político ou religioso e o dirigente sindical também precisam ser educados e esta educação só pode vir no bojo de sua prática dentro de uma realidade social que não tem nada de fria, estática e imutável. Aprender a rede de relações sociais e de conflitos de interesse que constitui a sociedade, captar os conflitos e contradições que lhe imprimem um dinamismo permanente, explorar as brechas e contradições que abrem caminho para as rupturas e mudanças, eis o itinerário a ser percorrido pelo pesquisador que se quer deixar educar pela experiência e pela situação vivida.” (OLIVEIRA, OLIVEIRA, 1983:25)

tendência é a possibilidade de construção de um saber mais transformador e coletivo, rompendo com a lógica individualista da rotina acadêmica. A sistematização de experiências, como metodologia criada e enraizada na realidade da América Latina (JARA, 2009:3-4), em seus inúmeros usos, pretendeu justamente, a partir da prática e dos processos vividos de ação e de transformação, extrair todo o aprendizado e os ensinamentos, sendo o primeiro passo para a elaboração conceitual. Tentou-se, assim, com um referencial teórico-metodológico, organizar o processo de construção do conhecimento a partir da prática, passando por reflexões individuais e coletivas sobre as experiências vivas, reais e em construção (JARA, 2009)²¹.

Concede-se, portanto, à ação um lugar de destaque tanto no processo de produção e de validação do conhecimento quanto na construção de resultados, planos e/ou intervenções na realidade concreta. A devolução do conhecimento, nesta concepção, é efetivada de maneira contínua e sistemática através de reflexões coletivas e principalmente por meio de ações, e não apenas através de momentos nos quais a ou o pesquisador(a) apresenta, com linguagem inacessível, toda pesquisa que desenvolveu, sem responsabilidades com as conseqüências dessas reflexões nas coletividades pesquisadas.

Sobre esta temática, o professor mexicano Rodolfo Stavenhagen esclarece que o problema da pesquisa convencional não é uma questão de simples transmissão da informação ao público ou ao objeto da investigação. A questão é a necessidade de se desenhar a própria investigação como um diálogo criador entre a ou o pesquisador(a) e o objeto-sujeito de pesquisa, o que converte a investigação em um processo de aprendizagem mútuo e modifica a própria natureza da atividade científica (STAVENHAGEN, 1971: 215/216).

²¹ A sistematização de experiências surge, na América Latina, durante os anos sessenta e setenta, como produto das transformações sociais, políticas e econômicas, ocasionadas a partir da Revolução Cubana de 1959. Inicialmente, esteve conectada com a educação popular, a qual, influenciada pela prática e pelos ensinamentos de Paulo Freire, possuía uma marcada dimensão política e uma perspectiva libertadora. Representa uma ferramenta para impulsionar processos emancipatórios, mudanças sociais e apropriação popular do conhecimento. Produziu-se uma multiplicação de experiências de sistematização e um rico debate em torno dessa possibilidade. Parte deste, encontra-se na biblioteca virtual do Centro de Estudos e Publicações ALFORJA, da Costa Rica. Disponível em: <www.cepalforja.org/sistematizacion/bvirtual>. Acesso: 10 dez. 2015.

É certo que a diversidade de experiências na América Latina envolve diferentes níveis de prática, formas de teorização e relação entre estas, abrangendo um amplo espectro de possibilidades de imbricamento entre teoria e prática e de potencialidades de transformação social.

B. Superação da dicotomia entre sujeito e objeto de pesquisa

As experiências latino-americanas no campo da Pesquisa Militante, em geral, rechaçaram a dicotomia entre sujeito e objeto de pesquisa, logrando estabelecer processos mais horizontais com as coletividades, movimentos sociais e organizações políticas. Um processo desafiante que exige a democratização e a coletivização de todo o processo de pesquisa, incluindo a escolha do tema, o desenho da pesquisa, os métodos e as ferramentas a serem utilizadas, as reflexões, as ações, os resultados e, inclusive, as publicações. Este deve ser um caminho dialógico e aberto, no qual os movimentos sociais e as coletividades deixam de ser meros objetos de estudo a serem observados de maneira distante e neutra e passam a ser considerados sujeitos produtores de conhecimento legítimo e participantes ativos na construção do saber científico (BRINGEL, VARELLA, 2014: 8).

O educador Paulo Freire destaca que, para o diálogo efetivo, é necessário ter uma posição de humildade e abandonar uma postura arrogante e auto-suficiente da ou do cientista ou pesquisador(a) tradicional. Isso exige que criemos nos homens e nas mulheres oprimidas, que os vejamos como capazes de pensar certo (FREIRE, 1970: 30). Analisando o trabalho da extensão universitária clássica de agrônomos - através do qual o conhecimento considerado científico é transferido e depositado nos camponeses - o professor defende o diálogo como meio para que as partes se transformem em sujeitos e para que juntos possam conhecer a realidade. Nesse contexto, destaca que ser dialógico *“é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade”* (FREIRE, 1983: 28).

Por sua vez, Fals Borda entende que a construção de uma relação entre sujeitos no curso da investigação conduz ao debate sobre o conceito de participação. Para ele, participação autêntica é o rompimento da relação de dependência e de submissão que tem se implantado histórica e tradicionalmente entre um sujeito e um objeto (FALS BORDA, 1987: 126), de maneira vivencial e voluntária. O autor propõe um conceito de participação advindo da “*vivencia real y propia de nuestras gentes y con ellas*” (FALS BORDA, 2012: 391), isto é, que se enraíza em tradições culturais próprias do povo dos países latino-americanos e em sua história real e que diz respeito a sentimentos e atitudes altruístas, cooperativas, comunais e democráticas.

Com base nesse referencial de participação, Fals Borda destaca a capacidade dinâmica e inovadora que possui o rompimento do binômio sujeito e objeto de pesquisa na prática concreta, ocasionando a convivência de duas racionalidades diversas, uma cartesiana e acadêmica e outra experiencial e prática. A tensão dialética e a soma desses dois tipos de saberes permitem um quadro mais correto e completo da realidade (FALS BORDA, 2012: 391).

Assim, a pesquisa se realiza de maneira coletiva e conjunta, o que não significa dizer que os sujeitos possuirão sempre o mesmo papel. A ou o pesquisador(a) possui, dentre outros, um papel específico que diz respeito à socialização dos instrumentos teóricos, técnicos e práticos acumulados pelo conhecimento científico e da compreensão crítica mais ampla da realidade e da história com os movimentos sociais e organizações populares, através de métodos e técnicas dialógicas e participativas, estimulando a capacidade crítica e criadora dos grupos populares (FREIRE, 1996: 13-15), isto é, a capacidade de pensar por “*nosotros mismos*” (JARA, 2008: 18). Esse ferramental técnico e teórico não é considerado, por si só, como já explicitado, como superior em relação aos conhecimentos ancestrais, coletivos e populares gestados nos processos de resistência e de mobilização social, os quais devem ser respeitados e estão em relação dialética e em tensão criativa com os saberes científicos.

Os pesquisadores do IDAC destacam, nesse processo, que a ou o pesquisador(a) deve se colocar como é e como pode contribuir, de maneira honesta, não sendo necessário se camuflar ou desejar desaparecer enquanto cientista para facilitar uma suposta fusão total na comunidade²² (OLIVEIRA, OLIVEIRA, 1983:27). No mesmo sentido, o educador uruguaio José Luis Rebellato, o qual esteve envolvido em diversos projetos de educação popular nas décadas de 1980 e 1990 com organizações populares e sindicatos, ressalta que *“establecer relaciones simétricas y horizontes no equivale a decir que somos iguales; la horizontalidad es una postura que parte del reconocimiento de la diversidad. Lo contrario es falsear la realidad”* (REBELLATO, 2009: 51).

Por outro lado, referida divisão dos trabalhos, baseada na capacidade e experiência, não podem significar a assunção dos momentos teórico-reflexivos como próprios dos pesquisadores, ao passo que a ação e a prática fiquem a cargo dos integrantes das coletividades, movimentos sociais e organizações. Ambos os momentos, com diferentes papéis e níveis de empenho, devem ser assumidos por pesquisadores e pessoas das organizações populares. A experiência do Pólo de Extensão Popular do Instituto de Estudos Latino-americanos da Universidade Federal de Santa Catarina mostrou a necessidade, a fim de valorizar as diferentes potencialidades dos momentos reflexivos, de realizar, dentro do caminho investigativo e da articulação entre a teoria e a prática, momentos de reflexões individuais, coletivos (entre pesquisadores) e comunitários, para se repensar e redefinir concepções teóricas à luz da prática. Nestas últimas, os acúmulos teóricos são colocados em debate e em diálogo com as coletividades. Apenas assim, a teoria se torna uma ferramenta dinâmica nas mãos dos movimentos sociais e das e dos pesquisadores.

²² Nesse sentido, os pesquisadores do IDAC explicam que o pesquisador “[...] se se deixa absorver pela cotidianidade, se se perde no ativismo, limitando-se a seguir cegamente as pautas de comportamento do grupo, ele renuncia à utilização crítica dos instrumentos teóricos de que dispõe para transformar-se pura e simplesmente num militante a mais entre tantos outros. Com isto não queremos insinuar que o pesquisador seja uma personagem mais eminente do que um simples militante. Queremos, isto sim, é reafirmar a especificidade de seu papel e da contribuição que ele pode oferecer sem cair nem no elitismo nem no basismo.” (OLIVEIRA, OLIVEIRA, 1983: 28)

É, neste sentido, um movimento importante para a superação do problemático distanciamento entre trabalho intelectual e trabalho manual existente nas sociedades de classes, sendo, por isso, um dos objetivos centrais da Pesquisa Militante o esforço consciente, planejado e sistemático para a socialização da produção de conhecimentos. Neste horizonte, existem inúmeras experiências que capacitaram pessoas das classes subalternas nas técnicas de pesquisa e estas foram inseridas, de maneira mais orgânica, na pesquisa²³.

As dinâmicas dialógicas, a centralidade da participação, a socialização dos conhecimentos e técnicas de pesquisa são caminhos pelos quais se tornam possíveis a construção de planos de pesquisa e de ações coletivos; a troca permanente de saberes, de histórias e de percepções; e a produção horizontal e coletiva do conhecimento. Permitem que sujeitos ativos, atuantes e pensantes possam conhecer e entender juntos a realidade que pretendem transformar, ainda que com trabalhos, tarefas e situações distintas.

C. Enquadramento social e histórico

Nas experiências latino-americanas de Pesquisa Militante, no processo de construção de conhecimentos, adotou-se uma visão mais ampla e histórica em relação aos sujeitos e fenômenos sociais. Para entendê-los, em sua complexidade, foi necessário inseri-los no processo histórico que articula, organicamente, diferentes aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais. Ou seja, foi preciso conectar o concreto à formação sócio-econômica, ao modo de produção, aos processos históricos e às dinâmicas internacionais. Isso foi fundamental para a articulação contínua entre as ações e as reflexões críticas. Como expõe Oscar Jara, a concepção metodológica dialética adotada na Educação Popular e em formas de pesquisa participativa obedece à seguinte marcha:

²³ Algumas dessas experiências são narradas em livro organizado por Carlos Rodrigues Brandão (BRANDÃO, 1983). São pesquisas coletivas que partiram de discussões e necessidades de camponeses, trabalhadores e moradores de favelas do Rio de Janeiro, de Pernambuco e Goiás.

[...] debemos siempre partir de la práctica de los participantes, seguir todo un proceso de teorización, que permita comprender esa práctica dentro de una visión histórica y de totalidad (he ahí el aporte de la teoría), para, finalmente, volver de nuevo a la práctica, y gracias a una comprensión integral y más profunda de los procesos y sus contradicciones, orientarla conscientemente en una perspectiva transformadora (2008: 9).

Nesta dinâmica, o movimento do conhecimento que parte da prática para a teorização e desta de volta para a ação dos sujeitos tem, neste percurso, a tarefa primordial de desvendar as mediações entre o cotidiano e a totalidade histórico-societária concreta (MARX, 2007, 2011 e KOSÍK, 1976). Trata-se, fundamentalmente, de ir além das explicações localistas ou subjetivistas para contextualizar e articular as questões encontradas pelos sujeitos sociais envolvidos numa perspectiva societária ampla e complexa. Somente a partir deste processo, os sujeitos encontram a capacidade teórica de localizar e compreender sua prática individual e coletiva nas dinâmicas e disputas em jogo. Através desse movimento – que alia teoria e prática – que se apreende a realidade para além das aparências. Nos termos de Paulo Freire:

A questão fundamental, neste caso, está em que, faltando aos homens uma compreensão crítica da totalidade em que estão, captando-a em pedaços nos quais não reconhecem a interação constituinte da mesma totalidade, não podem conhecê-la. E não o podem porque, para conhecê-la, seria necessário partir do ponto inverso. Isto é, lhes seria indispensável ter antes a visão totalizada do contexto para, em seguida, separarem ou isolarem os elementos ou as parcialidades do contexto, através de cuja cisão voltariam com mais clareza à totalidade analisada. (FREIRE, 1987: 95)

Sob outro vértice, Stavenhagen assinala a necessidade de se trabalhar com os setores populares conhecimentos científicos sobre o funcionamento do sistema e não apenas estudos sobre eles mesmos, o que impele as e os pesquisadores à consecução de pesquisas não só sobre o capitalismo mas também sobre as classes dominantes (STAVENHAGEN, 1971: 216). Nesse sentido, os pesquisadores da *La Rosca* colombiana

ressaltam a necessidade de se conectar os processos e lutas locais com a compreensão histórico-social, ao definirem como diretrizes investigativas: “*analizar la estructura de clases de la región*” e “*buscar las raíces históricas de las contradicciones que dinamizan la lucha de clases en la region*” (BONILLA, 1972: 45).

Além disso, nessa concepção, a realidade é dinâmica e não permite a existência de elementos fixos e eternos na vida social. Todo processo societário – os modos de produção, suas classes, instituições, idéias dominantes, entre outros elementos – está em movimento e é transitório. Tê-lo em mente permite vislumbrar outras formas de organização social, em um nível mais amplo, e também colocar em perspectiva os processos sociais nos quais os sujeitos estão inseridos.

Há que se atentar, no entanto – para que se crie as condições dialógicas e coletivas à construção do conhecimento –, que não basta a entrega unilateral de conteúdos prontos por mais adequados que estes pareçam. Como advertem os pesquisadores do IDAC, “*a pesquisa como itinerário político-didático não deve ser a oportunidade para o pesquisador fazer o seu discurso, impor as suas ideias, conduzir o grupo à posição que ele estima correta*” (OLIVEIRA, OLIVERA, 1983: 33). Como ressalta Paulo Freire, conhecer requer uma busca constante e uma postura curiosa frente à realidade, bem como ação reflexão crítica, invenção e reinvenção. Conclui, assim, que “conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeitos e somente enquanto sujeitos, que o homem pode realmente conhecer” (FREIRE, 1983: 16).

D. Superação do colonialismo intelectual e da dependência acadêmica

A Pesquisa Militante esteve conectada, historicamente, com esforços sistemáticos de construção de uma perspectiva latino-americana, por meio da elaboração de marcos analíticos próprios e de leituras e recepções criativas das teorias críticas construídas a partir de outras realidades e histórias, incluindo européias e norte-americanas. Como

visto na primeira seção, foram necessárias adaptações críticas desses marcos às condições concretas e à história da América Latina²⁴.

Fals Borda denominou, como colonialismo intelectual, um mecanismo de hegemonia cultural dos países centrais que garante a apropriação, nos países dependentes, dos marcos analíticos e explicativos construídos e fundamentados em contextos geográficos, culturais e históricos dos países centrais. Isto gerou, na América Latina, a conduta de aplicar mecanicamente à nossa realidade e história, sem mediações significativas, aqueles marcos e fundamentos teóricos centrais. Para o autor, essa conduta de considerar indiscutivelmente válidas e universais as teorias gestadas nos contextos europeus e norte-americanos se assemelhava a uma servidão intelectual (FALS BORDA, 1987: 37).

Por outro lado, a dependência acadêmica, termo cunhado por Fernanda Beigel (2011), está baseada em um desigual sistema de produção e circulação dos conhecimentos que hierarquiza as instituições científicas para, em suma, reproduzir uma divisão internacional do trabalho científico. Reedita-se, portanto, a centralidade dos países centrais na produção e na difusão científica. A ou o pesquisador que não se referencie nas teorias produzidas pelos centros da Europa ou dos Estados Unidos, para análise das situações e de sua região (por exemplo a América Latina), não é considerado produtor de conhecimento válido e legítimo para a área acadêmica.

A nosso ver, é preciso romper com a recepção passiva de interpretações e métodos de pesquisa estrangeiros e alheios às necessidades populares para, desde a vinculação com coletividades, movimentos sociais e organizações políticas, elaborar criativamente perspectivas teóricas orientadas para ação transformadora. A Pesquisa Militante, neste sentido, é um convite para uma atitude questionadora e criativa frente aos modelos explicativos e analíticos, provenientes tanto do campo da esquerda quanto do campo conservador.

²⁴ Nesse ponto, é central reconhecer a importância da renovação do marxismo (FALS BORDA, 1987: 98-99) e de suas apropriações críticas e criativas para as interpretações latino-americanas sobre *praxis*, compromisso, dialética, história e para a construção de metodologias emancipatórias de produção de conhecimento.

Esta independência não significa ignorar os acúmulos e conhecimentos produzidos em diversos lugares e momentos, nem tampouco representa um isolamento do mundo intelectual. Pelo contrário, acredita-se possível a soma de saberes, de maneira respeitosa e horizontal (FALS BORDA, 2013: 205). Essa perspectiva nos impulsiona a buscar conhecimentos produzidos em continentes menos valorizados na dinâmica científica, como a África e a Ásia.

Nesta direção, a recuperação do pensamento crítico latino-americano e o resgate dos conhecimentos ancestral, coletivo e popular tornam-se fundamentais. Este legado nos oferece um arcabouço teórico sólido e coerente, a ser atualizado, para compreender as raízes dos desafios que os povos latino-americanos se deparam na atualidade. Esta recuperação coloca a necessidade de pesquisa e leitura crítica, coletiva e sistemática das pensadoras e pensadores latino-americanos para revalorizar temáticas, agendas e enfoques, interessadamente, secundarizados na atualidade.

E. Compromisso

As experiências latino-americanas, no campo da Pesquisa Militante, giraram e giram em torno da idéia de compromisso das e dos pesquisadores com os setores populares, com a transformação social, com o povo oprimido. É assim que, desde matrizes teóricas e políticas diversas, referidas experiências se assentaram neste vínculo para a produção de conhecimentos. O educador Paulo Freire, por exemplo, conecta o compromisso à dimensão amorosa, ressaltando que *“onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação”* (FREIRE, 1987: 45). Afirma que, mesmo que a adesão aos oprimidos tenha ocorrido por uma análise científica da realidade, o real compromisso com referidas massas para que se libertem é um ato amoroso, que leva necessariamente à ação transformadora (FREIRE, 1987: 70, 93, 97).

Por sua vez, Fals Borda conecta o compromisso com a ação, demarcando a superação do compromisso pacto, isto é, uma posição científico-político que implica a inserção e a práxis da ou do pesquisador(a) junto aos sujeitos populares na construção do conhecimento e das ações transformadoras. Assim, este sociólogo define o compromisso da seguinte forma:

[...] es la acción o la actitud del intelectual que, al tomar conciencia de su pertinencia a la sociedad y al mundo de su tiempo, renuncia a una posición de simple espectador y coloca su pensamiento o su arte al servicio de una causa. [...] el compromiso con esta causa de la transformación fundamental es la acción válida, el *engagement* consecuente. Es el “compromiso-acción” que justifica a los activistas y a la ciencia social en un momento histórico como el actual. (FALS BORDA, 2009: 243)

Para se entender este elemento, cumpre salientar que toda pesquisadora ou pesquisador está sempre condicionado e condicionando o mundo no qual vive, ou seja, não existe intelectual fora do mundo ou isento dos condicionamentos próprios do mesmo. Nas palavras de Guerreiro Ramos: *“o mundo não é uma coleção de objetos que possamos contemplar do lado de fora. Estamos necessariamente no mundo e por ele somos constituídos.”* (RAMOS, 1996:107). Desse modo, a ou o pesquisador está indissociavelmente conectado à sociedade e a suas contradições, atuando, através de suas ações, sobre a realidade para perpetuá-la ou para modificá-la, mesmo que de maneira inconsciente. Assim, tomando consciência da conformação societária profundamente desigual e injusta, o intelectual pode tomar posição no sentido de direcionar, legitimamente, sua intencionalidade na produção de conhecimentos para a superação desta condição brutal de exploração e dominação. Os pesquisadores do IDAC são claros neste aspecto:

O conceito mesmo de objetividade e rigor científicos devem ser redefinidos e aperfeiçoados. Diante de uma realidade marcada por relações de dominação e de privilégio entre pessoas e grupos sociais, objetividade não pode mais ser sinônimo de descomprometimento e de imparcialidade, sob pena de se transformar em cinismo e insensibilidade. Diante da oposição

entre dominantes e dominados, ser objetivo significa reconhecer e analisar este enfrentamento inscrito na realidade e colocar-se a serviço da superação das estruturas que mantêm ou reforçam o autoritarismo e a desigualdade (OLIVEIRA, OLIVEIRA, 1983: 26).

Nestes termos, a objetividade é dada, centralmente, pela consciência dos condicionamentos históricos objetivos e subjetivos aos quais toda produção de conhecimentos está submetida, mesmo considerando aquele intelectual que se vê como um sujeito neutro e distante dos conflitos sociais. A nosso ver, o compromisso da e do pesquisador(a) e seu envolvimento emocional tanto com os objetivos locais quanto com a superação das desigualdades sociais existentes facilita e não dificulta a visualização de temas de pesquisa, a compreensão dos limites e possibilidades dos movimentos sociais *parceiros* da investigação, estimulando a consecução de conexões importantes, a realização de críticas construtivas e a construção de perspectivas de transformação social. Desse modo, não se trata de mera reprodução das vozes dos movimentos sociais, mas de um diálogo crítico que possibilite a emergência de tensões criativas entre as atividades de militante e pesquisador (BRINGEL, 2012: 57).

F. Criatividade nos usos e formatos de métodos e técnicas de pesquisa²⁵

A Pesquisa Militante, no que concerne ao uso e à seleção de métodos, técnicas e ferramentas, carrega uma multiplicidade de situações e aplicações, a depender do momento histórico, do contexto de ação, das coletividades e dos objetivos propostos. Desse modo, os métodos e as técnicas são inseparáveis da situação específica vivenciada pelas e pelos pesquisadores e pelos grupos populares, em determinado

²⁵ Adotamos a diferenciação entre concepção metodológica, métodos e técnicas elaborada por Oscar Jara (2008: 6). A concepção metodológica é, assim, a estrutura que dá um sentido estratégico a toda a lógica da investigação, não se reduzindo a uma técnica ou a um conjunto de técnicas. A concepção metodológica da Pesquisa Militante é, em suma, a conjunção dos aspectos tratados nas partes anteriores e conforma-se, sobretudo, como concepção *militante*. Métodos, de sua parte, é uma seqüência organizada de passos para realizar um plano ou avaliar seus resultados e determina o tipo de processo que se vai impulsionar num determinado âmbito do trabalho popular, enquanto, as técnicas, por sua vez, são os instrumentos e ferramentas concretas que permitirão viabilizar o processo e devem estar, sempre, em função da concepção metodológica.

momento histórico e contexto de ação. Podem e devem variar e se modificar, no curso da própria investigação, em função de condições locais e reavaliações dos envolvidos. Em função disso é que Paulo Freire destaca que *“as experiências não se transplantam, se reinventam”* (FREIRE, 1978: 12). Nesse sentido, como um caminho que se faz ao caminhar, as ou os pesquisadores, em diálogo com as coletividades, constroem o ferramental metodológico necessário para cada situação específica. Essa atividade exige, ao mesmo tempo, conhecimento dos métodos usados pela ciência e também um grau de criatividade e ousadia para elaboração de desenhos de pesquisa que alcancem, efetivamente, construir um conhecimento rigoroso, transformador e coletivo.

Neste sentido, observa-se um duplo movimento: (a) a utilização das técnicas próprias da pesquisa convencional, dentro de uma concepção metodológica dialética e militante; e b) a criação e a aplicação de instrumentos alternativos de pesquisa, a fim de permitir a produção de conhecimentos por meios coletivos e dialógicos. O primeiro movimento diz respeito à existência de uma diversidade de recursos próprios da pesquisa científica que podem ser úteis. Alguns exemplos de técnicas são: a análise histórica, a investigação de arquivos, a medição estatística, a observação sistemática, o diário de campo, a gravação, a fotografia, a cartografia, a entrevista, (BONILLA et al, 1972: 64). Desse modo, os instrumentos são adaptados para convergir com a concepção metodológica geral. É assim que, por exemplo, as entrevistas poderão ser livres, a fim de captar, profundamente, o que os sujeitos sentem e pensam, além de flexibilizar espaços para o surgimento de novos dados, hipóteses e perspectivas²⁶.

O segundo movimento diz respeito à utilização de técnicas alternativas e ao desenvolvimento de instrumentos metodológicos, nos processos sociais e coletivos.

²⁶ Para saber mais sobre as potencialidades das entrevistas conectadas a desenhos de pesquisa mais amplos, ver entrevista a Marta Harnecker, que, durante sua trajetória, utilizou referido instrumento como meio para compreender conjunturas complexas e para visibilizar processos políticos emancipatórios em construção. Disponível em: <<http://www.rebellion.org/docs/92119.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

Nesse esforço, Fals Borda descreve²⁷ as técnicas específicas da *Investigación Acción Participativa*²⁸:

1. investigação coletiva: é a utilização da informação colhida e sistematizada pelo grupo, como fonte de conhecimento objetivo dos fatos, com audiências públicas, discussões, sociodramas, perguntas e respostas em reuniões, assembléias, comitês, giras de observação e outros;
2. recuperação crítica da história: é descobrir, seletivamente, mediante a memória coletiva, elementos do passado que foram eficazes para defender os interesses das classes exploradas e que voltam a ser úteis para os objetivos da luta e para a conscientização. Trabalha-se com a tradição oral, com entrevistas a anciãos, com pesquisa de arquivo de baú familiar, de dados de relatos e narrações populares e com técnicas para o re-avivamento da memória coletiva;
3. valorização e emprego da cultura popular: é a incorporação ao estudo e à ação de elementos culturais e étnicos, de cada região, ignorados com frequência na prática política, tais como a arte, a música, o drama, o esporte, as crenças, os mitos e outros aspectos atinentes ao sentimento, à imaginação e às tendências lúdicas, que se reintegram ao povo como procedimentos investigativos e de mobilização;
4. produção e difusão do novo conhecimento: é devolver o conhecimento de maneira sistemática, ordenada e diferenciada para cada público, por exemplo bases pré-letradas, quadros e intelectuais. Exige diferentes níveis de comunicação, com utilização de modalidades diversas na comunicação escrita, auditiva e visual. (FALS BORDA, 2012:395-397).

Na mesma direção, Oscar Jara descreve as técnicas participativas que incentivam a reflexão e a expressão de todos os participantes: técnicas com atuação (sociodrama, jogo de papéis...) para realizar diagnósticos ou revelar problemas e

²⁷ A descrição das técnicas, efetivada a seguir, se trata de um breve resumo da descrição feita por Fals Borda nas páginas finais do texto "En torno del poder popular e la IAP". Trata-se das páginas 395 a 397 do livro *Ciência, Compromiso y Cambio Social*, dedicado à seleção de textos do autor, publicado em 2012.

²⁸ Orlando Fals Borda, ao longo de sua trajetória, nomeou de diferentes formas sua concepção teórico-metodológica. São exemplos: investigação militante, investigação participativa ou investigação-ação-participativa. Esta última foi o termo mais conhecido e usado posteriormente.

situações importantes; realização de entrevistas informais individuais e/ou coletivas; uso de dinâmicas vivenciais, leitura e análise coletiva de textos e documentos (trabalhos em pequenos grupos para após incentivar o debate no plenário); cartazes e desenhos coletivos (meios mais ricos para manifestar a criatividade de um grupo e provocar reflexões posteriores); uso e análise de canções, histórias, poesias e contos; técnicas expositivas com o fim de propiciar informação adicional, dentre outras. O autor destaca que exigem preparação, motivação prévia e discussão ordenada posterior (JARA, s/d: 12-15).

Existem algumas experiências brasileiras que utilizaram comissões mistas de pesquisa, com o objetivo de socializar o instrumental de investigação e realizar pesquisas, de fato, coletivas (BRANDÃO, 1983). Experiências, na Economia Solidária²⁹ e na extensão universitária³⁰, mostram a importância do lúdico e da arte nos processos de pesquisa e de mobilização popular. No campo da extensão, uma experiência latino-americana de importância ímpar é a extensão crítica desenvolvida na *Universidad de la República* no Uruguai. Esse trabalho gerenciado coletivamente com sindicatos e organizações sociais do campo e da cidade mostra as potencialidades, desde a integralidade, dos diagnósticos coletivos, das reuniões participativas, das dinâmicas grupais, da cartografia da ação social³¹, dentre outras técnicas.

Além da seleção das técnicas e dos métodos, é fundamental que as atividades de pesquisa e de ação conformem um processo ordenado, planejado e

²⁹ Algumas dessas experiências estão sistematizadas no livro “A construção de conhecimentos em Economia Solidária: Sistematização de Experiências no Chão de Trabalho e da Vida no Nordeste”, organizado por Ana Dubeux, Alzira Medeiros, Mônica Vilaça e Shirley Santos (2012).

³⁰ A *Trupe a Torto e a Direito* ligada ao Programa Pólos de Cidadania da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais, desde 1998, realiza um brilhante trabalho de educação e mobilização popular, com base nos marcos teórico-práticos de Bertolt Brecht e Augusto Boal e sob a direção do Professor Fernando Limoeiro. A construção dos enquetes teatrais é feita em conexão com processos de contestação social de grupos populares. Para saber mais informações, ver no sítio eletrônico <<http://polosdecidadania.com.br/equipes/trupe-a-torto-e-a-direito/>>. Acesso em: 11 dez. 2015.

³¹ Para saber mais, ver as diversas atividades desenvolvidas no sítio eletrônico <<http://www.extension.edu.uy/SP>>, bem como o esforço de recuperação crítica e sistematização das experiências extensionistas nas publicações <<http://www.extension.edu.uy/publicaciones/editorial>>. Acesso em: 08 jan. 2016.

semi-estruturado para que alcancem: produzir conhecimentos de maneira cumulativa, propiciar dinâmicas dialógicas, coletivas e participativas e contribuir para a transformação social. Ao mesmo tempo, esse planejamento deve ser flexível, aberto a mudanças advindas do contexto local, regional e/ou avaliações coletivas, estando sempre suscetível à criatividade dos participantes. A complexidade deste planejamento variará consideravelmente se se tratar de projetos de pesquisa coletivos ou individuais, de acordo com a duração e os objetivos construídos e demandados.

Nossa experiência, em projetos de extensão e em trabalhos populares, mostra que é central a construção coletiva do plano de ações, com objetivos gerais, específicos, atividades, metas concretas, que organizem as tarefas dos participantes e que torne possível o acompanhamento e seguimento das reflexões e das ações³². No mesmo sentido é a experiência do ALFORJA sobre o estabelecimento de um objetivo geral (o que se propõe alcançar em função das demandas apresentadas), de um eixo temático (oferece a especificidade local em relação ao tema gerador da pesquisa) e, a partir daí, a fixação de temas particulares, objetivos específicos, assim como técnicas e procedimentos (JARA, s/d: 12).

Por fim, o recomendável compartilhamento dos acúmulos científicos impõe à ou ao pesquisador conhecer bem as técnicas para que possa, criativamente, socializá-las. Esse aspecto envolve também a construção de formas de comunicação que sejam acessíveis para os setores populares, sem sacrificar a complexidade da realidade e das reflexões sobre a mesma. Isso exige um esforço sistemático dos envolvidos na investigação e deve ser problematizado cotidianamente, de maneira coletiva e comunitária. Para a construção destas pontes de linguagem necessárias à

³² Na experiência do Pólo de Extensão Popular (IELA-UFSC), os pesquisadores e um grupo de coordenadores/moradores de uma ocupação urbana, após longos encontros, construíram um plano de pesquisa e ações coletivo. Neste, foi estabelecido como objetivo geral a construção de poder popular. Para isso, foram estabelecidos eixos de atuação: 1. satisfação das necessidades humanas; 2. autonomia política popular; 3. sociabilidade comunitária e ética. Foram debatidos os problemas centrais para alcançar os objetivos específicos e geral da ocupação urbana, com a devida conexão com as raízes históricas e a realidade mais ampla. Com base nessas reflexões, foram pensadas atividades e também indicadores para serem observados, de maneira ativa e participativa, pelos pesquisadores e participantes.

efetiva comunicação, a vivência compartilhada aparece como traço importante, mas torna-se insuficiente se não se relacionar com o firme compromisso com a experiência. É a partir deste compromisso, do respeito e da confiança recíproca que se torna possível estabelecer este esforço mútuo de compatibilização das linguagens e comportamentos.

4. Considerações Finais

Este artigo reflete um esforço coletivo de recuperação crítica e de sistematização das potencialidades de experiências concretas de Pesquisa Militante, ao longo da história latino-americana e na atualidade, no intuito de reconstituir um campo necessário e urgente de debates teóricos e práticas junto à luta pela transformação profunda de nossa realidade social. A reconstrução deste campo crítico e militante tem sido alentada por uma conjuntura em ebulição, delicada, sem dúvidas, mas pulsante e rica de contribuições originais pela esquerda e *desde abajo*.

Em 2014, ocorreu um importante processo de articulação latino-americano que culminou no primeiro seminário Diálogos Universidades e Movimentos Sociais na América Latina: pesquisa militante, construção de conhecimentos e bens comuns³³, no Rio de Janeiro, e foram colocados, naquele cenário, desafios que se consideravam centrais para a Pesquisa Militante (BRINGEL, VARELLA, 2014). Parece-nos importante retomar aquele debate, à luz dos avanços do campo, das reflexões coletivas e da perspectiva proposta nestas páginas. Recolocar este acúmulo em discussão representa, assim, a atualização de alguns desafios e o acréscimo de outros, impulsionados pelas lutas sociais do presente, para a construção de novos horizontes de um campo em construção.

33 Para mais informações sobre o Seminário, acessar: <<https://universidademovimentosociais.wordpress.com/>>.

Desafio 1 – Recuperação e valorização das contribuições femininas, negras e originárias.

É preciso admitir, neste tópico, que, até mesmo, narrativas críticas do pensamento social latino-americano reproduzem silenciamentos de sujeitos centrais na construção de conhecimentos e de alternativas políticas e sociais no continente. Neste sentido, é um desafio da Pesquisa Militante encontrar, visibilizar e revalorizar as potentes contribuições teóricas e metodológicas de mulheres, assim como de pesquisadores e pesquisadoras negras e indígenas. Será preciso, nesse movimento, incorporar novos olhares sobre a realidade, os quais, muitas vezes, conduzem a importantes rupturas epistemológicas.

Desafio 2 – Construção de espaços perenes de encontros e convergências entre as experiências, intelectuais, pesquisadores e setores populares.

Trata-se aqui de superar as distâncias entre os coletivos, experiências, pesquisadores e intelectuais, conformando espaços permanentes que permitam elevar-nos das perspectivas locais e territoriais para olhares mais abrangentes e coletivos. Importa concretizar este movimento de socialização e aproximação dos trabalhos para que consigamos articular um campo sólido e dinâmico na construção de horizontes comuns. É certo que cada experiência possui suas especificidades, contudo parece-nos central a articulação em torno desse comum compartilhado para que, ao mesmo tempo em que nos fortalecemos, a partir da organização em rede, sejamos capazes de conformar uma alternativa sistemática no enfrentamento à mercantilização e privatização do conhecimento.

Desafio 3 – Difusão e apropriação dos avanços teórico-metodológicos da Pesquisa Militante e das profícuas experiências latino-americanas nesse campo.

Existem pesquisadores, militantes, estudantes, movimentos sociais e organização que pretendem adotar posturas investigativas ou realizar pesquisas e estudos afim de contribuir com a mudança social, mas não conhecem ou não possuem acesso aos saberes produzido e às experiências existentes no campo da Pesquisa Militante. Isso pode levar a ou o pesquisador(a) a “inventar a roda”,

começando as reflexões teórico-metodológicas do zero ou pode levá-lo unicamente aos referenciais, inclusive, críticos da Europa ou dos Estados Unidos. Isso pode ser enriquecedor, contudo é central o conhecimento dos avanços teórico-metodológicos construídos a partir do contexto geográfico e histórico latino-americano. A difusão e apropriação deste arcabouço teórico-metodológico deve se configurar, neste sentido, como um enfrentamento ao colonialismo intelectual e à dependência acadêmica vigente, combatendo a invisibilização dos saberes produzidos na periferia.

Desafio 4 – Atuação por uma universidade a serviço da transformação social.

Muitas e muitos pesquisadores militantes se encontram, hoje, vinculados a universidades e sofrem, cotidianamente, os limites desta instituição que, apesar de oferecer certa estrutura para a pesquisa e a extensão, inclusive, crítica e militante, lança mão de diversos mecanismos de controle para dificultar o trabalho comprometido e distanciar das causas populares. A disputa do papel e dos rumos da universidade são um destes desafios que requerem a construção de espaços amplos de articulação, debate, crítica e ação capazes de reunir as forças necessárias para conquistar avanços por uma universidade, de fato, a serviço da transformação social.

Desafio 5 – Fortalecer espaços autônomos e não-formais de produção e circulação de conhecimentos gerenciados por movimentos sociais e organizações políticas.

Na esteira do fortalecimento das organizações e movimentos sociais é fundamental o apoio decidido as suas iniciativas de construção e difusão de conhecimento crítico. Isto nos coloca a tarefa de nos implicar em projetos como centros e escolas de formação, cursos, oficinas, debates, revistas, jornais, entre tantas outras oportunidades. É importante, assim, fortalecer espaços, autônomos, de produção e circulação de conhecimento crítico para além do âmbito acadêmico universitário.

Desafio 6 – Construir experiências ancoradas no protagonismo popular.

O horizonte central da Pesquisa Militante, a partir da socialização da produção de conhecimentos, está enraizado no desafio fundamental de contribuir na construção da capacidade popular para a transformação da sociedade atual. Isso envolve tanto o fortalecimento das instâncias participativas de decisão e poder populares quanto o afastamento de métodos, técnicas, atitudes e perspectivas manipulares e autoritária de relacionamento com a população e suas organizações, que acabam por aprofundar relações de dependência e não estimulam a autonomia política coletiva. Parece-nos central trilhar esta caminhada para a conformação de experiências ancoradas, ampla e profundamente, no protagonismo popular.

Desafio 7 – Desvendar a complexidade do momento atual e seus desdobramentos sobre a produção de conhecimentos.

Retomamos o último desafio colocado no texto de BRINGEL e VARELLA (2014: 10), pois consideramos que continuamos vivendo um momento delicado e uma enorme dificuldade em conceituar o mesmo. Consideramos ser necessária a compreensão nuançada da situação societária atual e seus desdobramentos sobre a produção de conhecimento para localizar os marcos atuais da disputa nesse campo e as possibilidades de superação de seus limites. Isso não se dará, simplesmente, através da criação de novos conceitos, mas, através da práxis, pelo aprofundamento no entendimento da realidade e por meio da articulação de forças sociais capazes de proporcionar, dentre outras questões, conhecimento coletivo e transformador. Isso nos conecta com uma luta mais geral para a superação do *status quo* e para a construção de uma sociedade justa e solidária, livre de todas as formas de opressões e dominações.

Concluimos com muitas lacunas e desafios, convictos, no entanto, de termos à disposição um acúmulo de valiosas experiências e um potente arcabouço teórico-metodológico para enfrentá-las. Assim, este texto pretende abrir debates e estabelecer conexões capazes de contribuir na permanente construção desse conjunto teórico-prático comprometido com as transformações necessárias a um

futuro de dignidade popular em nossos países. Deste impulso emana a Pesquisa Militante, herdeira de matrizes de resistência e reflexões latino-americanas e inundada das inquietações dos tempos presentes.

Referências Bibliográficas

AYBAR, Edmundo Bendezú (comp.). *Literatura Quechua*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1993.

BAGÚ, Sergio. *Economía de la sociedad colonial*. México: Editorial Grijalbo, 1992.

BAREIRO SAGUIER, Rubén (comp.). *Literatura Guaraní del Paraguay*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980.

BEIGEL, Fernanda. "Academic Dependency". *GDN* vol. 2, nov. 2011.

BOLÍVAR, Simon. *Independencia e unidade latino-americana: escritos políticos*; tradução Brigadas Populares e Marcha Patriótica. Rio de Janeiro: Consequencia Editora, 2015.

BONILLA, Victor D.; CASTILLO, Gonzalo; FALS BORDA, Orlando; LIBREROS, Augusto. *Causa Popular, Ciencia Popular: una metodología del conocimiento científico a través de la acción*. Bogotá: Publicaciones de la Rosca, 1972.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

BRINGEL, Breno. “Com, contra e para além de Charles Tilly: mudanças teóricas no estudo das ações coletivas e dos movimentos sociais”. *Revista Sociologia e Antropologia – Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Vol. 2, nº 3, junho de 2012.

BRINGEL, Breno; VARELLA, Renata. “Pesquisa militante e produção de conhecimento: o enquadramento de uma perspectiva”, 2014. Disponível em: <<http://universidademovimentosociais.wordpress.com/artigos/>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

_____. “A pesquisa militante na América Latina hoje: reflexões sobre as desigualdades e as possibilidades de produção de conhecimentos” (no prelo) 2015.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre a negritude. In: MOORE, Carlos (org.). *Discurso sobre a negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

CUEVA, Agustín. *O desenvolvimento do capitalismo na América Latina*. São Paulo: Global Ed., 1983.

CÚNEO, Dardo (comp.). *La reforma universitária (1918-1930)*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1974.

DE LAS CASAS, Bartolomé. *Historia de las Indias*. 3 Tomos. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1956. Disponível em: <http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&tt_products=109>; <http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&tt_products=110>; <http://www.bibliotecayacucho.gob.ve/fba/index.php?id=97&tt_products=111>. Acesso em: 15 jan. 2016.

DUBEUX, Ana; MEDEIROS, Alzira; SANTOS, Shirley; VILAÇA, Mônica (org). *A construção de conhecimentos em economia solidária: sistematização de experiências no chão de trabalho e da vida no Nordeste*. Recife: F&A Gráfica, 2012.

DURKHEIM, Emile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Nova Cultural, 1978.

_____. *Les règles de la méthode sociologique*. Paris: Quadrige, 2004.

FALS BORDA, Orlando. “Reflexiones sobre la aplicación del método de estudio-acción en Colombia”. *Revista Mexicana de Sociología*. Vol. 35, nº 1, 1973.

_____. *Por la praxis: el problema de cómo investigar la realidad para transformarla*. Bogotá: Ediciones Tercer Mundo, 1978.

_____. *Ciencia propia y colonialismo intelectual*. Bogotá: Carlos Valencia Editores, 1987.

_____. “La crisis, el compromiso y la ciencia”. In: MONCAYO, Victor Manuel. *Una sociología sentipensante para América Latina*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores y Clacso, 2009.

_____. “En torno al poder popular y la IAP”. In: HERRERA FARFÁN, Nicolás Armando; LÓPEZ GUZMÁN, Lorena [compiladores]. *Ciencia, Compromiso y Cambio Social: textos de Orlando Fals Borda*. 1ª ed. Buenos Aires: El colectivo Lanzas y Letras – Extensión Libros, 2012.

_____. “La superación del eurocentrismo – Manifiesto por la ciencia”. In: FALS BORDA, Orlando. *Socialismo raizal y ordenamiento territorial*. Bogotá: Ediciones Desde Abajo, 2013.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____. *Extensão ou Comunicação?* 8ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

GARZA, Mercedes de la (comp.). *Literatura maya*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1992.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. *La nouvelle sociologie et la crise de l'Amérique latine*. In: *L'Homme et la société*, N. 6, 1967. pp. 37-47. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/homso_0018-4306_1967_num_6_1_1064. Acesso em: 30 jan. 2016.

GUERRA, Ramiro. *Azúcar y población en las Antillas*. Madri: Cultural, 1935.

HARNECKER, Marta. *Memória oral y Educación Popular, reflexiones metodológicas: entrevista realizada a Marta Harnecker*. 1994. Disponível em: <<http://www.rebellion.org/docs/92119.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2016.

JAMES, Cyrill Lionel Robert. *Los Jacobinos Negros*. La Habana: Fondo Editorial Casa de las Américas, 2010.

JARA, Oscar. *Para sistematizar experiências*. 2ª ed. Rev. Brasília: MMA, 2006.

Disponível em:

<http://www.mma.gov.br/estruturas/168/_publicacao/168_publicacao30012009115

508.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2016.

_____. “La concepción metodológica dialéctica, los métodos y las técnicas participativas en la Educación Popular”. Costa Rica: Centro de Estudios y Publicaciones ALFORJA, 2008.

_____. “Sistematización de experiencias y las corrientes innovadoras del pensamiento latino-americano.” *Dialógo de Saberes* – Caracas, nº 3, septiembre-diciembre de 2009.

_____. “La aplicación del método dialéctico en la investigación participativa y en la educación popular”. s/d. Disponível em: <<http://www.ts.ucr.ac.cr/binarios/pela/pl-000476.pdf>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

KOSÍK, Karel. *Dialética do Concreto*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. *Literatura del México antiguo*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1978.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Por um socialismo indo-americano: ensaios escolhidos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

MARINI, Ruy Mauro. *Acerca de la universidad latinoamericana*. Entrevista. 1973.

Disponível em: <[http://www.marini-](http://www.marini-escritos.unam.mx/333_universidad_latinoamericana.html)

escritos.unam.mx/333_universidad_latinoamericana.html>. Acesso em: 10 dez. 2015.

_____. *La crisis teórica*. 1993. Disponível em: <http://www.marini-escritos.unam.mx/081_crisis_teorica.html>. Acesso em: 11 dez. 2015.

_____. “Las raíces del pensamiento latinoamericano”. In: MARINI, Ruy Mauro e MILLÁN, Mária (org.). *La teoría social latinoamericana*. Tomo I. México: Ediciones El Caballito, 1994.

_____. “Dialética da Dependência”. In: STÉDILE, João Pedro; TRASPADINI, Roberta. *Ruy Mauro Marini: Vida e Obra*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MARTÍ, José. *Obras completas*. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/marti/marti.html>>. Acesso em: 25 nov. 2015.

MARX, K. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

NASCIMENTO, Abdias. *Quilombismo*. Panamá: 1980. Disponível em: <http://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/10/Pre-Leitura_QUILOMBISMO.pdf>. Acesso: 01 dez. 2015.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de; OLIVEIRA, Miguel Darcy de. “Pesquisa Social e Ação Educativa”. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Pesquisa participante*. 3ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

PARRA ESCOBAR, Ernesto. *Investigación—acción en la Costa Atlántica: evaluación de la Rosca, 1972–1974*. Cali: FUNCOP, 1983.

PRADO JUNIOR, Caio. *A revolução brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1968.

RAMOS, Guerreiro. *A redução sociológica*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

REBELLATO, José Luis. “Educação popular y cultura popular” (1988). In: BRENES, Alicia et al [comp.]. *José Luis Rebellato, Intelectual Radical: selección de textos*. Montevideo, Uruguay: Extensión – Universidad de la República, 2009.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização*. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

ROMERO, José Luis; ROMERO, Luis Alberto. *Pensamiento político de emancipación*. 2 tomos. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1975.

STAVENHAGEN, Rodolfo. *Sociología y Subdesarrollo*. Mexico: Editorial Nuestro Tiempo, 1971.

UNIVERSIDAD INTERCULTURAL AMAWTAY WASI. *Aprender en la sabiduría y el buen vivir*. Quito: Imprenta Mariscal, 2004.

TURNER, Clorinda Matto de. *Aves sin nido*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1994.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ciência e existência*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1979.

WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e escravidão*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana, 1975.

ZEA, Leopoldo. *El pensamiento latinoamericano*. 1974. Disponível em: <<http://www.olimon.org/uan/pensamiento.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2015.

ZEA, Leopoldo. *A filosofia americana simplesmente como filosofia*. s/d. Disponível em: <<http://www.olimon.org/uan/zea.pdf>>. Acesso em: 09 dez. 2015.